

O HOMEM E A ALIENÇÃO DOS *MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS* DE 1844 DE MARX

Luis Carlos Ribeiro Alves

Mestrando em Educação pela Universidad del Salvador – USAL (Arg.)

RESUMO:

O presente artigo analisa o conceito de homem nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, de Karl Marx. Defende a ideia de que esta obra ainda está relacionada ao grupo de obras da juventude, tratando-se, portanto, de uma antropologia. Inicia-se uma fase de crítica da realidade segundo a qual o homem não pode ser realmente livre, sendo constante vítima de alienação. O artigo se divide em dois momentos. No primeiro se analisa o conceito de homem nos *Manuscritos*; em seguida se discutem as duas formas de alienação sofridas pelo homem em relação a seu trabalho e a si mesmo.

Palavras-Chave: Alienação, homem, Marx, trabalho.

ABSTRACT:

This article examines the concept of man on Karl Marx's *Economic and Philosophical Manuscripts* of 1844. It supports the idea that this work is still related to the youth's group of works, which concerns therefore to a sort of anthropology. A critical period starts. It refers to the fact that man, constantly as a victim of alienation, cannot in fact be free. The article is divided into two stages. The first one examines the concept of man in the *Manuscripts*, then the two ways of alienation suffered by man are discussed - through his work and over himself.

Keywords: Alienation, man, Marx, work.

Introdução:

Os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* surgem como uma tentativa do autor de refletir sobre a economia política com atitude filosófica, além de promover a eclosão do pensamento crítico europeu no que se refere a relação que mantinham com o trabalho. Relação esta muitas vezes bastante desagradável, ao menos para os operários alheios ao produto de seu trabalho e muitas vezes até de si mesmos, como podemos perceber muitas vezes em nosso país, onde os cidadãos se apresentam muitas vezes alheios aos problemas da sociedade, fatigados pelo trabalho abandonam-se às novelas ou à assistência a programas jornalísticos de forma acrítica acerca do que é ali apresentado.

A obra marxiana parte de uma análise filosófica das posições da economia política, sendo que a preocupação principal está concentrada na alienação do homem pelo homem, sendo que o principal instrumento dessa alienação é o trabalho que ora aliena o homem do produto do trabalho, ora aliena-o de seu caráter genérico.

Em nosso trabalho discutiremos o conceito de homem em Marx, entendido tão diversamente por diversos grupos de leitores de seu pensamento para, em seguida, analisar as relações entre os homens e do homem com seu trabalho e com o produto de seu trabalho, geradoras do processo de alienação apontado por Marx por meio de uma postura que podemos chamar de antropologia negativa.

Podemos perceber no discurso marxiano um grande grito de denúncia em relação ao fato de o trabalho ter sido reduzido de sujeito da produção a mera mercadoria, não só uma mercadoria a mais, mas uma mercadoria barata e sem valor que reduziu o trabalhador a um estado de miséria absoluta que só faz se multiplicar com o aumento da produção.

Uma pequena reflexão sobre a obra

Na obra, Marx aborda a questão do trabalho alienado e da alienação do homem a partir do trabalho, assim como a divisão social do trabalho a partir da análise do que outros pensadores que o antecederam, sobretudo os da economia política¹. O texto que trata do tema do trabalho alienado se encontra no primeiro manuscrito do conjunto dos manuscritos produzidos por Marx por volta do ano 1844, numa parte final que se destaca do restante do documento por tratar de tema completamente diferente do que o manuscrito vinha tratando até então. Marx segue todo um percurso em sua discussão filosófica sobre a economia política, perpassando por seus conceitos fundamentais, tais como: propriedade privada, separação do trabalho, capital e terra, salários, lucro do capital, valor de troca, dentre outros; tendo como foco principal o próprio ser humano como elemento central de sua obra e de seu pensamento acerca da emancipação, que deve ser construída sobre as ruínas da exploração e da alienação do trabalho.

Para Marx, o grande problema que os ecônomos políticos não conseguiram resolver para explicar a relação entre homem, trabalho e capital se encontra no fato de aqueles terem tomado como ponto de partida o conceito de propriedade privada, sem, entretanto, explicarem

¹ Entre os quais achamos por bem ressaltar Adam Smith e David Ricardo. Smith (1723-1790) é considerado fundador da economia política liberal e defendia que a verdadeira fonte de riqueza estava no trabalho, cuja quantidade necessária à produção de uma mercadoria determinaria o valor do intercâmbio do mesmo. Afirmava que a divisão internacional do trabalho, o livre intercâmbio e a concorrência favoreceriam a produção, mas também denunciou vigorosamente os monopólios, sobretudo os coloniais, e qualquer forma de concentração de riqueza, exercendo, portanto, enorme influência sobre seus sucessores. Ricardo (1772 - 1823) – financista e economista inglês que retoma a teoria liberal de Smith - é o responsável por definir a renda fundiária diferencial, que antecipa o conceito marxista de mais-valia.

em que consistia tal conceito, o que limitava em muito o poder da economia política no momento de tratarmos da divisão do trabalho, o que a obriga a se limitar a tentar compreender os desenvolvimentos da concorrência, da liberdade de profissão e da divisão da propriedade fundiária, enquanto estas não passam de conseqüências do monopólio advindas do sistema feudal. O que importava para Karl Marx era apreender as ligações entre a concorrência, a divisão social do trabalho etc., ou seja, compreender em que consistia o sistema de alienação do homem e do trabalho. Seu objeto é, nas palavras de Marcuse (1968, p. 108):

O objeto da crítica da economia política enquanto justificacão científica, a saber, cobertura de uma ‘alienacão’ total e ‘desvalorizacão’ da realidade humana, como a representa a sociedade capitalista – enquanto uma ciência que faz do homem o seu objeto, enquanto ser desnaturado..., cuja existência total é determinada através da ‘divisão entre trabalho, capital e terra’, através de uma desumana divisão do trabalho, através de concorrência privada, etc. (Marcuse, 1968, p. 108)

A crítica de Marx é, portanto, dirigida a uma economia e a uma sociedade que transformam o homem numa mercadoria das mais deploráveis e sem valor. Sociedade esta, que divide os seus membros em senhores e servos, ou melhor, entre possuidores de *propriedades e trabalhadores* sem propriedades. Sociedade que explora o individuo enriquece cada vez mais com o trabalho que explora, enquanto o trabalhador se torna mais miserável à medida que produz mais riquezas.

O “homem” para Marx.

Mas o que é o homem, afinal de contas, para Marx, para que possa se alienar a si mesmo, sobretudo graças ao trabalho que assume, renunciando a sua condição de ser genérico?

Para responder a esta pergunta, muitas foram as tentativas, sendo que muitos dos leitores de Marx chegam a afirmar que o problema dos *Manuscritos* não é o homem, mas o trabalho e a economia política. A crítica desenvolvida por Marx nessa obra parte exatamente da preocupação com a alienação do homem se percebermos os *Manuscritos* como sendo o ponto alto de suas obras da juventude, como afirma Oliveira:

Parece ser fora de dúvida que os *Manuscritos* significam um ponto alto da produção teórica do jovem Marx, especialmente, porque, aqui, começa a efetivar-se a “crítica da realidade”, antes anunciada como a grande necessidade do tempo [...] Um elemento essencial desta crítica é que seu objetivo fundamental é a mediação teórica de uma ação racional sobre a

realidade, que visa sua transformação e por essa razão eles efetivam uma “reviravolta antropológica” no pensamento de Marx: a antropologia deve fornecer o horizonte da crítica. (Oliveira, 1997, p.106)

Como destaca Oliveira, os *Manuscritos* são uma espécie de laboratório, ainda não estão na complexidade do resultado que encontramos em *O Capital*, porém não encontramos mais o Marx dos *Anais Franco-Alemães*². Aqui temos um pensamento que podemos denominar de fronteira, sua preocupação não é ainda puramente a economia política, pois ainda não abandonou de todo sua preocupação dos primeiros escritos, que é a emancipação do homem, enquanto nos *Anais* sua preocupação se concentrava na antropologia, como afirmação do homem diante do que o pode aprisionar, enquanto ser genérico, que se constitui no fato de que “o homem é livre perante seu produto”³ (Marx, 1993, p.165).

O homem é assim um ser natural porque traz na sua essência a própria natureza. Nesse sentido ele é naturalmente livre, sendo diferenciado dos animais quanto à natureza por sua capacidade de fazer da natureza seu objeto, adequando-na a suas necessidades e transformando-a por meio do trabalho: “o animal é um ser imediato, o homem é o ‘ser da mediação’” (Oliveira, s/d., p. 249-250), isto é, ele tem a capacidade de utilizar a natureza a seu favor e em favor da satisfação de suas necessidades mais imediatas, de forma que ela é condição de possibilidade da existência humana.

De acordo com o professor Sobral, “o homem faz da atividade de produzir a sua vida, da atividade vital, um objeto da vontade e da consciência [...] uma vida que [...] não pode ser reduzida à manutenção da capacidade de trabalho, à subsistência.” (SOBRAL, 2005, p.102)

Assim, definir o homem, para Marx, é falar de sua natureza enquanto “ser genérico, não só no sentido de que faz objeto seu, prática e teoricamente a espécie [...], no sentido de que ele se comporta perante si próprio como a espécie presente, viva como um ser universal, e, portanto, livre.” (Marx, 1993, p.163) Assim Marx define o que acredita por natureza humana sem, contudo, abandonar a defesa de uma liberdade do homem como nos primeiros

² Aqui as referências são: a *Questão Judaica* e a *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução*. Ambos publicados nos *Anais Franco-Alemães* no início do ano de 1844. A Revista era editada por Marx e por Ruge e se publicou apenas um número duplo no ano acima citado. Nos artigos de Marx se defende uma concepção mais antropológica “positiva” de emancipação e liberdade do homem, enquanto nos *Manuscritos* se defende a impossibilidade dessa liberdade dado o processo de alienação e a criação de necessidades nos homens por parte do sistema capitalista, tornando o homem mais alienado a seu trabalho quanto mais ele for capaz de produzir. Encaixar-se-iam nessa perspectiva, por exemplo, pessoas que têm tripla jornada de trabalho.

³ A afirmativa de Marx quanto à liberdade do homem em relação ao produto de seu trabalho remete diretamente ao fato de que para ele o trabalho é uma *atividade vital*, ou seja, é o trabalho que possibilita ao homem, pela relação que mantém por meio deste com a natureza, realizar-se como um ser genérico, satisfazendo assim também as suas necessidades. Desse modo, falar em vida genérica é falar exatamente de vida produtiva, aqui não no sentido em que o homem tenha um padrão, mas quando ele próprio orienta o seu trabalho. Sem essa liberdade, segundo o próprio Marx, a vida deixa de ser vida, enquanto genérica, passando a ser apenas meio de vida.

escritos, reafirmando sua crença numa natureza humana fixa, previsível, mas que pode se auto-realizar por meio do trabalho e do processo produtivo, que diferencia o homem de todos os animais, bem como afirma Fromm:

[...] o homem é um ser reconhecível e determinável, que o homem pode definir-se como homem, não só biológica, anatômica e fisiologicamente como psicologicamente [...] o homem é, como dizemos, a matéria prima humana, que como tal, não pode modificar-se [assim] a história é a história da auto-realização, não é mais que a auto-criação do homem através de seu trabalho e sua produção. (Fromm, 1962, p. 36-37 [grifo nosso])

Dessa forma não podemos pensar o homem de forma isolada do processo produtivo, ou das relações com outros homens, que terão como consequência atitudes alienantes, à medida que o homem confere a um estranho o seu trabalho e/ou a sua vida genérica.

Aprofundemos melhor essa crítica de Marx em relação ao trabalho alienado nas duas formas fundamentais de alienação a que o homem está sujeito: a alienação em relação ao produto de seu trabalho e a alienação em relação a si mesmo e em relação aos outros, temáticas que se seguem a este capítulo.

O Homem alienado em relação ao produto de seu trabalho.

Vale ressaltar que, para Marx, o humano é um fato, assim como tudo o que o constitui; é puro fato, e fato único, só o humano ocupa o seu próprio domínio: pensamento, conhecimento, razão e os sentimentos, todos manifestam fatos puramente humanos porque só existem no domínio da humanidade. Nesse sentido a história humana se constitui precisamente numa construção, de modo que o homem só se torna plenamente humano pela criação de um mundo humano.

Marx critica a economia política pelo fato dos pensadores desta se expressarem equivocadamente em suas teorias, supondo como fato histórico aquilo que deveriam explicar, no caso, a divisão social do trabalho e a troca. A preocupação marxiana com o problema da alienação do trabalho consiste numa tentativa de entender um problema que deveria ser resolvido na política, entretanto, só podendo ser solucionado com base num amplo conhecimento teórico do problema.

A objetivação do trabalho dá-se antes de tudo como estranhamento que gera oposição entre o trabalhador e o produto de seu trabalho, ou seja, na economia política, e o sujeito se aliena a seu trabalho na medida em que se realiza unicamente por ele, tendo já abandonado a

sua própria realidade como sujeito histórico; como na afirmação de Oliveira (2007, p. 129): “o trabalhador se desrealiza na realização do trabalho alienado, invalidando-se até a morte pela fome.” Assim a alienação se dá a partir da objetivação do homem a partir do momento em que esse perde seu objeto fundamental e, sobretudo dos objetos que lhe são mais fundamentais a vida. Segundo Johnson:

é mais o trabalho que o trabalhador que é o alienado, e é o trabalho alienado que afeta a maneira como o indivíduo se sente [...] a alienação é resultado da posse privada do capital e do emprego de trabalhadores por salário, um arranjo que concede a estes, pouco controle sobre o que fazem. (JOHNSON, 1997. p.06)

Dessa forma, o trabalhador é tanto mais desvalorizado quanto mais mercadorias e bens produz. Nesses tempos em que se tem valorizado sobremaneira o mundo das coisas em prejuízo para o mundo dos homens, dado que o trabalho não produz só mercadorias, ele ao mesmo tempo produz-se “a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria, e justamente na mesma proporção em que produz bens.” (MARX, s/d., p. 159). Dessa maneira, o produto do trabalho deixa de ser somente um bem produto do trabalho, ou seja, um mero objeto, para transformar-se em coisa física, a *objetivação do trabalho*, que é a própria realização do trabalho pelo trabalhador. Este que, à medida que realiza seu trabalho é, segundo a economia política, “des-realizado”, e é nesse sentido que surge a objetivação do trabalho humano como perda e servidão do homem em relação ao objeto, despontando assim na *alienação*. Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* Marx apresenta como a economia política define a lei que determina a relação de alienação entre o trabalhador, o trabalho e o produto de seu trabalho:

(...) tanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem de consumir; quanto mais valores cria, tanto mais sem valor e mais indigno se torna; quanto mais refinado o seu produto, tanto mais deformado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto tanto mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tanto mais impotente torna-se o trabalhador, quanto mais brilhante e pleno de inteligência o trabalho, tanto mais o trabalhador diminui em inteligência e de torna servo da natureza.(Marx, s/d., p. 161)

Dessa forma, Marx conduz sua crítica à economia política e determina que esta esconde a gravidade do problema da alienação do homem e do trabalho pelo fato de conduzir de forma errônea as suas investigações e não examinar como deveria a relação entre o trabalhador e sua produção, porque, ao mesmo tempo que o trabalho produz maravilhas para os ricos (com isso o pensador quer afirmar que todas as relações na sociedade burguesa de seu tempo baseavam-se na relação de exploração e alienação do trabalho, e a alienação mais

apropriada do trabalhador é em relação ao produto de seu trabalho), entretanto, para que esteja alienado em relação ao produto de seu trabalho, o trabalhador tem que estar preso a um outro tipo de alienação: a alienação a si mesmo, que é condição necessária para que ele se aliene a quaisquer outras coisas do meio externo. A relação do trabalhador com o produto de seu trabalho é, pois, uma relação de estranhamento, de modo que “quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, tanto mais poderoso se torna o mundo dos objetos, que ele cria perante si, tanto mais pobre ele se torna em sua vida interior, tanto menos pertence a si próprio.” (MARX, s/d., p. 159). Dessa forma, o trabalhador se aliena ao produto de seu trabalho porque à medida que produz ele põe a sua vida no objeto que produz, de forma que sua vida não lhe pertence mais agora, mas sim ao objeto que produz; de modo que quanto mais atividades o trabalhador realizar mais ainda ele se tornará objetivado e, menos terá a si mesmo, encontrando-se, portanto, sem objeto algum, porque o que ele incorporou no objeto de seu trabalho já não é mais seu. Dessa forma, Marx afirma que:

O que incorporou no objeto de seu trabalho já não é seu. Assim, quanto maior é o produto, tanto mais ele fica diminuído. A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objecto, assume uma existência *externa*, mas que existe independentemente, *fora dele* e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; que a vida que deu ao objecto se torna uma força hostil e antagônica. (Marx, s/d., p. 160)

A alienação é, em resumo, a objetivação do homem frente ao produto de seu trabalho, que age nele como uma natureza que lhe é exterior e que ganha um poder autônomo tornando-se capaz de lhe dominar. Mas é claro que toda objetivação e alienação do homem não se dão sem a natureza, sem o mundo que lhe é exterior e que lhe dá a capacidade de produzir os bens que produz. Dessa forma, faz-se crucial analisarmos com Marx também o momento em que o homem passa a ser alienado às condições da natureza, a si mesmo e aos outros, embora nesse sentido ele não deixe de ser alienado ao objeto de seu trabalho. Passemos à análise dessa outra forma de alienação.

O Homem alienado em relação a si mesmo e em relação aos outros

A base de todo o processo de alienação do ser humano em relação a si mesmo e aos outros está marcado pelo momento em que necessita de relações sociais, visto que para relacionar-se com seu trabalho ele precisa do meio externo e da natureza que oferece a matéria prima para a produção. Ao mesmo tempo em que o trabalhador se apropria por meio

de seu trabalho do mundo externo, que lhe oferece também os meios de existência fundamentais ao trabalho, o trabalhador também se priva de seus próprios meios de sobrevivência.

Na medida que o trabalho tem o seu produto como um meio alienante em relação ao trabalhador, também a própria realização do trabalho deve ser alienação ativa, pois “na alienação do objecto do trabalho, resume-se apenas a alienação na própria actividade do trabalho.” (Marx, s/d., p. 162) Dessa forma, para que possa haver a alienação em relação ao produto do trabalho ou ao próprio trabalho, que são meios externos e estranhos ao homem, pois o trabalho não é natural da realidade humano, o homem não se realiza por meio dele, pelo contrário, ele se desfaz; assim, à medida que é imposto, o homem pode alienar-se com este trabalho externo, pois, à medida que trabalha, o trabalhador deixa de pertencer a si mesmo, passando a pertencer ao dono de sua força de trabalho.

Com isso, podemos afirmar com Marx que o homem só aparecerá plenamente livre enquanto está nas suas atividades puramente animais, ou seja, comer, beber e procriar, de modo que se chega a recair na contradição “enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano animal.” (MARX, 1989, p. 162) O homem enquanto ser genérico é plenamente livre em sua natureza, entretanto, esta liberdade não se realiza no trabalho. É nesse sentido que afirmamos que o homem se desrealiza pelo trabalho. Segundo Marx (1989), à medida que o homem se aliena de si e do trabalho ele contradiz a sua essência:

Na alienação do objeto do trabalho, resume-se apenas a alienação na própria atividade do trabalho [...] o trabalho é exterior ao trabalhador [...] não pertence a sua natureza; portanto ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo [...] não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é trabalho forçado. (MARX, 1989, p.162)

Assim, a alienação afeta a todas as camadas da sociedade, tanto de quem vende sua força de trabalho, como de quem a compra, estes são os sintomas da alienação do trabalhador, assim possibilita-nos perceber em que medida estamos alienados. À medida que o homem se aliena ao seu trabalho e ao produto de seu trabalho ele aliena também a sua vida genérica abandonando assim sua característica fundamentalmente humana de realização como ser genérico que é precisamente “a ação sobre o mundo objectivo que o homem se manifesta como verdadeiro ser genérico.” (MARX, 1989, p. 165)

Considerações Finais.

A alienação do homem a si mesmo e aos outros é o que permite que ele aliene o seu trabalho e o produto de seu trabalho, ao mesmo tempo em que “deixa de pertencer a si mesmo”, quanto mais produz mais miserável se tornando. Apenas quando o homem está alienado ao produto de seu trabalho e a si mesmo que ele pode alienar-se em relação aos outros homens, e essa forma de alienação se manifesta claramente nas relações dos homens entre si, pois “na relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, enquanto trabalhador, se encontra.” (. p.166.) Podemos afirmar, por fim, que todas as formas de alienação do homem, seja de si mesmo, da natureza ou do trabalho, aparecem nas relações que cada homem constrói nas suas relações sociais com os outros homens, consigo mesmo e com a natureza.

A solução para o problema da alienação do homem e do trabalho “só pode ser colocada em termos políticos, numa época em que a sociedade considerada como uma superação real da sociedade criticada ainda não nasceu.” (MÉSZÁROS, 1981, p. 115) Ou seja, a solução, como nos aponta Marx ao longo de suas pesquisas referentes à temática da economia política, é puramente política, mas a realização de tais estudos é fundamental na medida em que só por meio de tais estudos se poderia conquistar a luta política contra o sistema capitalista, que explora o ser humano como uma mera mercadoria, assim como ao seu trabalho:

As investigações econômicas não servem como base teórica para uma ação econômica, mas sim para uma ação política. Ele [Marx] só se preocupa com os problemas da Economia na medida em que revelam a complexa hierarquia da estrutura que ele deseja ver politicamente transcendida. (p.114)

Assim, o objetivo de Marx é fazer com que o sistema capitalista seja transcendido por um novo modo de vida em que o ser humano seja valorizado, não pela sua capacidade de produção de matéria, mas por ser um ser humano, e sua luta não é uma luta por uma utopia à medida que procura a partir de suas pesquisas e estudos sobre a economia política localizar os pontos fracos do sistema capitalista, de modo a oferecer soluções a cada um desses problemas.

Referencias Bibliográficas:

FROMM, E. *Marx y su concepto del hombre*. México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

HOBSBAWM, Eric. et al. *História do Marxismo: O marxismo no tempo de Marx*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LIMA VAZ, H.C. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991.

MARCUSE, H. *Materialismo histórico e existência*. Trad. Vamireh Chacon. 2ª ed. 1968

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MÉSZAROS, I. *Marx: A Teoria da alienação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

OLIVEIRA, M. A. *Ética e Sociabilidade*, São Paulo: Loyola, 1993.

_____. *Tópicos sobre Dialética*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOBRAL, F. *A Concepção circular de homem em Marx: Um Estudo a partir dos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. São Paulo: Nojosa Edições, 2005.

VÁSQUEZ, A.S. *Filosofia da Práxis*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.